

# As Relações entre a Ciência e a Religião na Obra do Cardeal Cerejeira

## O Contexto de uma Época

É na apologética que a religião mais fortemente se intersecta com a ciência, pelo que é na obra *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo (IPC)*<sup>1</sup> que melhor poderemos apreciar o pensamento do Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira – ao tempo sacerdote e professor catedrático na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra –, sobre as relações entre estes dois domínios.

Encontramo-nos em 1923 e a sociedade portuguesa defrontava-se, em palavras de Borges de Macedo<sup>2</sup>, com

*«um problema gritante e absorvente [...] o predomínio apregoado e exclusivista das ideologias que se tinham por científicas e proclamavam o próximo triunfo dos engenheiros de almas que viria substituir o drama humano do encontro da pessoa, pela orientação funcional dos estímulos. A Igreja, força de conciliação, pelo seu próprio estatuto sobrenatural, era um alvo preferencial nesta transformação da sociedade em permanente guerra civil. Para minorar a influência da Igreja na sociedade, a exploração ideológica da*

---

<sup>1</sup> MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA, *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo*, 1.ª ed., Coimbra Editora L.ª, Coimbra, 1924; alguns dos seus capítulos vêm na linha das lições ministradas no Instituto Superior de Estudos Religiosos, que foi fundado no CADC e publicados previamente na revista *Estudos* em 1923.

<sup>2</sup> JORGE BORGES DE MACEDO, «O Tempo do Cardeal Cerejeira. Quadro de uma Acção Apostólica e Cultural», *Lusitana Sacra*, 2.ª série, Tomo II, (Pensamento e Obra do Cardeal Cerejeira), 9-20 (1999), págs. 10-12.

*ciência era um meio irresistível. Transformar o seu pensamento num modo superficial e supersticioso de ver o mundo. Mostrá-la como um reduto do obscurantismo. E assim, desde o último quartel do séc. XIX até ao primeiro do séc. XX, a campanha anticlerical tomava formas violentíssimas. [...] Ora o prestígio científico era a expressão do nosso tempo, a investigação científica como a única forma de dignificar o homem. O sucesso público da ciência, sobretudo pela via da tecnologia que dela resultava, era uma realidade. A partir daí acusava-se a Igreja de ir contra o pensamento contemporâneo, de ser intrinsecamente contrária à ciência. O prestígio da Igreja sofria com esta campanha sistemática.»*

Gonçalves Cerejeira sentiu a necessidade de uma «resposta lúcida e profunda», e mesmo urgente, o que fez com um ciclo de quatro conferências que proferiu em Lisboa, entre Fevereiro e Maio de 1923 e que veio publicar em livro, acrescentado com um capítulo final sobre «A Alma Contemporânea e a Religião». Neste livro fundamental – *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo*, coloca o «facto religioso» perante a ciência e a filosofia.

Nós iremos apresentar aqui uma leitura sucinta da obra com uma grelha completamente diferente – mais anacrónica do que diacrónica –, tirando partido da perspectiva que a distância do tempo nos confere. É que o pensamento do Cardeal Cerejeira não tem só o valor do seu tempo, onde foi louvado e fortemente criticado. Nos nossos dias tem de ser justificado pelo seu interesse, relevância e sucesso no presente e no futuro, como procurarei mostrar neste ensaio. Mas trabalho mais completo será oportunamente publicado.

Como releva Pinto de Castro<sup>3</sup>, ao traçar o perfil académico deste mestre de Coimbra e cardeal da Igreja Católica, «*sendo, pelo estilo, um clássico, foi, pelo pensamento, um moderno*». Veremos que esta síntese do seu pensamento e da sua obra se mantém na conciliação que produziu entre a Ciência e a Religião. *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo* envelheceu, mas melhor do que consente supor a controvérsia que suscitou ao tempo. O estímulo intelectual e moral de uma reacção contra o positivismo, no contexto de uma firme cultura teológica no seio da Igreja Católica, gera – ante-

---

<sup>3</sup> ANÍBAL PINTO DE CASTRO, «O Cardeal Cerejeira Universitário e Homem de Letras», *Lusitana Sacra*, 2.<sup>a</sup> série, Tomo II, 21-45 (1990).

cipo desde já – novas perspectivas epistemológicas sobre o conhecimento científico, que vão ao encontro das correntes mais modernas sobre o tema.

### A falência do positivismo

Com o distanciamento de oitenta anos, podemos apreciar melhor o valor de crítica epistemológica que o Doutor Cerejeira ergueu à ciência do seu tempo, muito baseada no positivismo. Vem a propósito um repto que Salazar, sob o pseudónimo de Alves da Silva, lança ao Ministro do Interior no semanário *Imparcial* em 1913,

*«Mande-nos V. Ex.<sup>a</sup> gente nova, ou gente velha com ciência nova, de forma que os princípios expliquem os factos, visto que os factos não são capazes de explicar os princípios.»*<sup>4</sup>

A filosofia da ciência do tempo – o positivismo – parece caduca. Há necessidade de uma «ciência nova». Veremos como estas duas ideias se traduzem no pensamento de Cerejeira. Examinemos desde já a primeira.

O triunfo da Ciência e a morte da Religião eram, ainda no primeiro quartel do século XX, uma e a mesma coisa:

*«Basta defini-los para se ver como os termos que os exprimem se excluem: A Religião decompõe-se em dogma, autoridade, culto; o espírito científico: relativismo, liberdade intelectual, espírito crítico. Cada uma destas definições é ... a contraditória da outra. Espírito científico e espírito religioso não se podem unir na mesma mente, senão ficando infiel aos dois.»*<sup>5</sup>

Cerejeira começa por apresentar na sua obra uma crítica filosófica sobre a ausência de limites para a ciência a que conduziu o positivismo, não por si mesmo, mas na voz de muitos dos seus cultores. Depois incide sobre a «(in)fertilidade» do positivismo, como corrente científica:

---

<sup>4</sup> FRANCO NOGUEIRA, *Salazar. A Mocidade e os Princípios*, vol. 1, Atlântida Ed., Coimbra, 1977, pág. 93.

<sup>5</sup> *IPC*, pág. 60.

*«O que prova a radical impotência da ciência para alcançar a realidade toda, é a perfeita equivalência prática de teorias contraditórias nos princípios, sobre problemas fundamentais. Sobre a constituição da matéria, por exemplo, degladiam-se, desde que o problema se põs, o atomismo e o dinamismo. [...] E dado que **existem** os átomos, como hoje parece poder afirmar-se, o que são eles afinal?»*<sup>6</sup>

Com efeito, a negação da existência dos átomos foi o maior fracasso do positivismo. Dadas as suas pequeníssimas dimensões, os átomos não se podiam observar directamente em qualquer experiência científica. Compreende-se assim, como em 1884, um dos pilares da química francesa – Marcelin Berthelot, fortemente positivista – não admitisse o atomismo, porque *«não queria ver a química degenerar em religião. Não quero que se acredite na existência real dos átomos, como os cristãos crêem na presença real de Jesus Cristo na hóstia consagrada»*<sup>7</sup>.

A respeito dos átomos reconhece a sua existência real e intui o que este facto acarreta para o positivismo – com o seu irónico «como hoje parece poder afirmar-se» –, apesar de a controvérsia ainda não ter cessado por completo no campo científico e filosófico. Mas já em 1930, o seu crítico Sílvio Lima dá o problema por perdido quando afirma,

*«Não se trata agora de saber se o astrónomo, só porque não vislumbra, com o seu telescópio Deus no espaço, ou o anatomista, porque não topa a alma na ponta do seu bisturi, repelem a existência de Deus e a da alma; trata-se, sim, de inquirir se a ciência histórica pode ou não servir de pedestal inconcusso à pretensa transcendência da Igreja Católica... Mais, se o próprio Cristo foi, ou não, uma realidade histórica. **That is the question.**»*<sup>8</sup>

As dificuldades que resultam de saber se o astrónomo, só porque não vislumbra, com o seu telescópio Deus no espaço, ou o anatomista, porque não topa a alma na ponta do seu bisturi, repelem a existência de Deus e a da alma são do mesmo teor das

<sup>6</sup> IPC, pág. 21, sublinhados meus.

<sup>7</sup> S. J. FORMOSINHO e J. OLIVEIRA BRANCO, *O brotar da Criação*, Universidade Católica Editora, 1997, pág. 31.

<sup>8</sup> SÍLVIO LIMA, Notas Críticas à obra «A Igreja e o Pensamento Contemporâneo», *Obras Completas de Sílvio Lima*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2002, págs. 372-512; pág. 451.

que levaram muitos homens da ciência a afirmar que não existiam átomos! Ao fazer transitar a problema do domínio das ciências físicas para o das ciências históricas, é dá-lo por perdido no domínio das ciências exactas. O caso das ciências históricas não será abordado neste trabalho, mas é claramente uma posição mais fraca que no âmbito das ciências da natureza.

### **A nova epistemologia científica**

Percorramos em passo estugado a perspectiva actual que molda o valor do conhecimento científico e os requisitos para a construção da sua objectividade <sup>9</sup>. Karl Popper sustenta que a racionalidade e a objectividade da ciência resultam da adesão a um conjunto de regras explícitas, a critérios internos de validação e verificação do conhecimento científico por concordância com a observação experimental; por isso o conhecimento científico não é arbitrário. Em pólo distinto encontramos Kuhn, que mantém serem as comunidades científicas a fonte de autoridade em ciência. Surgem daqui duas vertentes epistemológicas, donde decorre ainda uma terceira. A saber:

- i) a verificação de teorias que confronta as ilações delas derivadas por uma via dedutiva com a observação e a experimentação. A geração das hipóteses ou conjecturas não é fruto de um processo indutivo, mas da imaginação e criatividade dos cientistas. Porém, hoje reconhece-se que não há observações puras, pois as próprias teorias condicionam a observação experimental, no modo como se interroga a natureza, na escolha dos fenómenos a estudar, nas variáveis que são fruto da medição e nos instrumentos que a realizam.
- ii) Investigações sobre história das ciências por Thomas Kuhn revelaram que um dado conjunto de conhecimentos científicos depende fortemente de um agregado de conceitos,

---

<sup>9</sup> S. J. FORMOSINHO, «O dogmatismo no âmbito das ciências experimentais», *COMMUNIO*, ano XVIII, 555 (2001).

pressupostos metodológicos e metafísicos que conduzem a um determinado «modo de ver o mundo», isto é, a um padrão de análise da realidade e do conhecimento. Esta inteligibilidade do real adquire-se através de uma educação científica baseada na resolução de problemas exemplificativos e na formulação das perguntas que fazem sentido. Kuhn designou tais agregados por *paradigmas* (científicos).

- iii) Como a fonte de autoridade em ciência não assenta só e directamente no mundo real, mas está mediada pelas comunidades científicas que interpretam os seus fenómenos de uma certa forma e controlam a comunicação científica (artigos, livros e mesmo projectos de investigação) – através do seu *imprimatur* –, surge um outro componente epistemológico a autonomizar: o *modo de vida profissional* dos cientistas.

Dir-me-ão, talvez, que a posição epistemológica que decorre de todas estas perspectivas não é coerente. A questão que se coloca é que nenhuma destas perspectivas epistemológicas tem valor absoluto e único, como Cerejeira reconhece. Estamos a lidar com um modo de abordagem de sistemas complexos com «dados mal definidos», a denominada *lógica difusa*. A lógica difusa mostra que, afinal, as nossas regras formais do raciocínio, estabelecidas por Aristóteles, são demasiado rígidas e não permitem uma abordagem correcta de problemas complexos. Todos sabemos que, em geral, a resposta a um problema complexo pode não ser exactamente binária – «branco» ou «preto» mas talvez que a cor melhor seja um «cinzento», e dentro deste existe uma infinidade de tonalidades com um contínuo de percentagens de branco e de preto.

### **Cerejeira precursor de uma epistemologia moderna**

Em meu entender, os conceitos epistemológicos que emergem de pensamento do Doutor Gonçalves Cerejeira, e que pretendemos realçar pela sua modernidade, são, essencialmente, fruto da harmonia de três elementos oriundos dum conhecimento científico alicerçado numa cultura e formação cristãs e contrários ao positivismo do seu tempo: i) o carácter conjectural, hipotético, das teorias cien-

tíficas; ii) o papel do conhecimento pessoal na observação científica; iii) o papel da autoridade na eficácia da construção do conhecimento científico e na defesa da sua credibilidade.

Começemos pelo primeiro destes elementos. O Doutor Cerejeira, a respeito do valor da ciência afirma:

*«O que é o facto científico? O facto científico é em certo modo um facto fabricado pela ciência. Assim como de um bloco o artista faz uma estátua, assim a ciência trabalha o facto bruto. Isola-o, simplifica-o, diminui-o. O facto científico é a resposta a um questionário; e o questionário é constituído pelas nossas hipóteses. Como as hipóteses possíveis são em número indefinido, a ciência não esgota nunca todo o conteúdo do facto bruto; mais, as próprias hipóteses são já imaginadas para factos do mesmo género, o que quer dizer que o facto científico só nos diz o que nós lhe perguntamos, e a nossa pergunta é sempre tendenciosa.»*<sup>10</sup>

Aqui o autor de *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo* é notável. Antecipa um criticismo que hoje é corrente sobre a simplificação quantitativa que a ciência introduz no nosso conhecimento. Mas é ainda mais brilhante quando se pronuncia sobre «como se constrói a ciência» – alicerçada em hipóteses que são «modos de como interrogamos a natureza». Surge aqui a bem moderna marca teórica da experimentação e da observação científicas, como ele mesmo diz *factos fabricados pela ciência*, pois *a nossa pergunta é sempre tendenciosa*. Afinal a teoria é que é o guia da observação e da experimentação. E as hipóteses são fruto da nossa imaginação e não de qualquer lógica indutiva, como se julgava nessa altura. Sem dúvida que a imaginação pode beber inspiração em factos conhecidos do género. A perspectiva acima referida por Cerejeira, sobre o carácter hipotético das teorias científicas não é ocasional. Reafirma-se noutros passos da obra que não cabem aqui reportar, por limitações de espaço. Fiquemo-nos tão-só por este comentário,

*«O que são as teorias [científicas]? Uma linguagem própria para sintetizar as relações já descobertas pela observação, como aponta Picard; sempre símbolos. Síntese das relações já descobertas. São, pois um apenas um quadro de classificação das noções adquiridas, e portanto necessariamente provisórias e representativas ...»*<sup>11</sup>

<sup>10</sup> IPC, pág. 23.

<sup>11</sup> IPC, págs. 28, 29.

Sobre a ideia, em Cerejeira, de que «o *facto científico* é a resposta a um questionário; e o questionário é constituído pelas nossas hipóteses» encontramos-a numa das suas dissertações de 1918, pois é um princípio de boa crítica histórica, bem seu conhecido, e que aí explana brevemente:

*«Princípio é de boa crítica, quem queira interpretar o passado tem de reconstituir o ambiente social da época que estuda. Atribuir ao século XVI sentimentos do século XX é anacronismo de quatro séculos.»*<sup>12</sup>

Se as interrogações históricas – as hipóteses de trabalho – partem de pressupostos errados, os factos históricos respondem de forma errada. Pensamento similar é renovado nas notas à 4.<sup>a</sup> edição da *Igreja e Pensamento Contemporâneo*, vinda a lume vinte anos após a obra inicial,

*«Quem conheça a natureza do trabalho histórico, sabe bem o carácter conjectural deste modo de conhecimento. A história não trabalha directamente sobre o facto histórico; assenta sobre o testemunho, mas o testemunho criticado e interpretado. Esta interpretação há-de necessariamente fazer-se segundo as ideias preconcebidas do historiador (preconcebidas aqui não quer dizer por força infundadas). [...] Mas a cabal interpretação dos factos, aqui como na Ciência, implicará sempre, quer o confesse quer não, uma metafísica, visto que não se pode passar sem ela.»*<sup>13</sup>

O que Boaventura Sousa Santos nos diz, já nos finais do século XX, é que «a maior vantagem da reflexividade – uma reflexão do cientista com os seus instrumentos científicos e com o próprio objecto do conhecimento – e o seu contributo mais positivo para o desenvolvimento da ciência [...] é o de ter tornado claro que os cientistas [...] são seres humanos. [...] A humanização dos cientistas é um dos aspectos da complexidade da ciência».<sup>14</sup> Sousa Santos prossegue esta caminhada num movimento pós-moderno de uma razão enfraquecida. Não é esta a perspectiva do Cardeal Cerejeira nem a

<sup>12</sup> GONÇALVES CEREJEIRA, *O Renascimento em Portugal. II Clenardo. O Humanismo e a Reforma*, 2.º ed., pág. 123.

<sup>13</sup> *Igreja e Pensamento Contemporâneo*, 4.<sup>a</sup> ed., Coimbra Editora, Coimbra, 1944, págs. 75, 76.



minha, bem pelo contrário. Mas o que se pretende realçar é o carácter precursor desta percepção da «*humanização da ciência*» que Cerejeira reflecte já no primeiro quartel do século XX e reafirma vinte anos depois,

*«Fez da razão frio sol de inverno, iluminando cadáveres da realidade humana, a que faltava justamente a vida. E, quebrada a unidade da vida espiritual do homem, o pensamento torna-se uma coisa impessoal, abstracta, unilateral sem vida [...]»*<sup>15</sup>

Toda a atitude religiosa implica a componente humana e, portanto, um conhecimento pessoal.

Se dúvidas ainda houvesse sobre o reconhecimento do papel do conhecimento pessoal na construção do conhecimento científico no pensamento do Cardeal Cerejeira, o comentário apresentado num nota adicional na 4.<sup>a</sup> edição da *Igreja e Pensamento Contemporâneo*, remove quaisquer incertezas que tivessem ficado sobre o pensamento de há vinte anos atrás,

*«Quem conheça a natureza do trabalho histórico, sabe bem o carácter conjectural deste modo de conhecimento. A história não trabalha directamente sobre o facto histórico; assenta sobre o testemunho, mas o testemunho criticado e interpretado. Esta interpretação há-de necessariamente fazer-se segundo as ideias preconcebidas do historiador (preconcebidas aqui não quer dizer por força infundadas). [...] Mas a cabal interpretação dos factos, aqui como na Ciência, implicará sempre, quer o confesse quer não, uma meta-física, visto que não se pode passar sem ela.»*<sup>16</sup>

*«É erróneo supor que o crítico racionalista estuda os factos com o espírito livre de quaisquer preconceitos, ao contrário do crente que já tem posições preconcebidas. «Por mais ansioso que alguém seja de atingir os factos nus da história passada, não pode compreendê-los sem os por em relação com o seu próprio espírito. O espírito, porém, não está vazio: é já um espírito provido de categorias pessoais e de um conteúdo próprio, disposto por conseguinte a olhar as coisas de certo lado».*

*O problema fundamental é investigar a explicação suficiente dos factos: se os factos se ajustam às nossas ideias preconcebidas ou*

<sup>14</sup> SOUSA SANTOS, *ob. cit.*, págs. 99, 100.

<sup>15</sup> IPC, 4.<sup>a</sup> ed., pág. 264.

<sup>16</sup> IPC, 4.<sup>a</sup> ed., págs. 75, 76.

*se estas são rejeitadas por eles. Não se pode explicá-los sem alguma hipótese preconcebida.»*<sup>17</sup>

O conceito de «paradigma científico» não estaria nunca acessível ao Doutor Cerejeira. Mas partindo de uma similitude na autoridade da igreja e no colectivo científico, bem como no carácter «dogmático» do ensino teológico e do científico, aproximou-se mais do conceito correcto do que homens do tempo que tanto o criticaram a este respeito, como Sílvio Lima.

O papel do ensino na formação do conhecimento científico não escapa igualmente à sua análise, pois o reconhece necessário para a eficiência da própria ciência:

*«Além disso a Ciência tem como condição da sua possibilidade um acto de fé, pois supõe a **tradição de um ensino**: sendo o campo da nossa experiência individual assaz restrito para poder rever todo o processo da ciência, esta não poderia construir-se, se todos tivéssemos que a recomençar.»*<sup>18</sup>

Seguidamente, debruça-se sobre o problema da autoridade e da liberdade de pensar. No que à Igreja Católica diz respeito, afirma:

*«A autoridade no domínio do pensamento, eis o grande escândalo para o espírito moderno ... . O espírito científico é um espírito de livre crítica, dizem; a Igreja, governando o pensamento em nome de uma autoridade infalível, que decreta a verdade uma vez por todas, não só o contradiz, mas à letra abafa-o. Não há meio termo possível; ou se reconhece à razão humana a liberdade de pensar, rejeitando ipso facto toda a autoridade – e a Ciência e o progresso, o próprio pensamento, numa palavra é possível; ou se aceita uma autoridade exterior à razão – e nesse caso é a morte da razão, pois que a autoridade a paralisa, a dispensa, a sufoca...»*<sup>19</sup>

*«Porém, uma análise mais profunda do problema revela que a autoridade não só não abafa, mas é necessária à existência, força e progresso do pensamento. A liberdade de pensar erigida em princípio absoluto, sem limites nem restrições, não pode levar senão à dissolução do próprio pensamento. Não é toda a autoridade, que se opõe aos justos direitos da inteligência, mas só a autoridade que*

<sup>17</sup> IPC, 4.<sup>a</sup> ed., pág. 179.

<sup>18</sup> IPC, págs. 66, 67; sublinhado meu.

<sup>19</sup> IPC, págs. 75, 76.

não é fundada na razão. A outra, a autoridade reconhecida pela razão, pelo contrário, é ainda razão.»<sup>20</sup>

*«Urge não esquecer que a inteligência humana é enferma – carecendo, para pensar e pensar bem de se exercitar por uma educação adequada. Esta educação não é nunca puramente individual, mas supõe sempre a experiência do outro pensamento, ao qual o nosso se confia; logo, uma espécie qualquer de autoridade.»*<sup>21</sup>

*«O Catolicismo, como a religião mais religiosa de todas, ou seja o bloco religioso mais consistente, pela plena e exaustiva lógica interna de desenvolvimento da ideia de revelação – aquele, portanto, onde ela [revelação] se encontra, se em alguma [religião] se produziu – é por isso mesmo a religião mais autoritária. A autoridade é absolutamente necessária, para comunicar a verdade revelada. O seu carácter próprio é de nos ser comunicada superiormente, em nome de uma autoridade competente. Em segundo lugar, a autoridade é necessária para manter a integridade. Em terceiro lugar, a autoridade é necessária pela e para a sua interpretação.»*<sup>22</sup>

Não obstante, atentemos em como reconhece um paralelismo entre a acção da Igreja e da Ciência,

*«O dogma não é tão pouco uma criação arbitrária da entidade que o formula, mas a definição autêntica duma doutrina superior ao seu intérprete – porque o próprio papa, quando define ex cathedra um dogma, não o faz segundo a sua opinião particular mas como doutor supremo, com a crença universal da Igreja. A autoridade da Igreja como a da Ciência, não é, em última análise, senão a autoridade da verdade.»*<sup>23</sup>

Este paralelismo também se aplica à avaliação científica dos *referees* que não deve ser a da opinião particular do avaliador, mas a do consenso científico vigente. Mais, não é isto que também se verifica na ciência a respeito da papel dos *referees* para evitar, o mais possível, a publicitação do erro e do induzir em erro outros cientistas?

---

<sup>20</sup> IPC, págs. 77.

<sup>21</sup> IPC, pág. 77.

<sup>22</sup> IPC, págs. 83, 85, 86.

<sup>23</sup> IPC, págs. 115, 116.

### Dedicatória em Homenagem

«Disse Maritain, o qual fez a experiência da filosofia contemporânea antes de descobrir a Igreja (porque tal é a conspiração contra a verdade, da parte da nossa sábia ignorância, que a Universidade moderna, que tudo ensina, só não ensina a doutrina da Igreja); disse ele que a característica da filosofia moderna era «um enfraquecimento e um destronamento geral da razão».»<sup>24</sup>

Encontramos aqui uma das razões – a da conspiração contra a verdade no ensino –, porque o Cardeal Cerejeira tanto pugnou pela criação de uma Universidade Católica.

O pensamento do Cardeal Cerejeira a este respeito foi exposto com mediana clareza numa entrevista ao jornal da Juventude Universitária Católica em 1963:

*«O ensino religioso em nível universitário é apenas o cumprimento do divino mandato, acomodado às exigências intelectuais e afetivas daqueles que recebem uma instrução superior. Nunca ninguém dirá que basta a aritmética elementar ao engenheiro. Mas há aí muito doutor que, a respeito da religião, ficou sempre menino das primeiras letras. Não há exagero em afirmar que o comum da gente que presume culta sofre de infantilismo religioso; é o que a torna tantas vezes atrevida».»*<sup>25</sup>

O Cardeal Cerejeira muito persistiu até assistir à fundação da Universidade Católica Portuguesa. A figura que queremos homenagear com este trabalho – o Professor Doutor Rev. Padre Manuel Isidro Alves – a serviu sempre empenhadamente como Professor, Director, Vice-reitor e Reitor. Melhor homenagem e expressão do nosso apreço não encontrámos do que associá-lo ao Fundador da UCP. Vinte e cinco anos medeiam entre os dois falecimentos.

SEBASTIÃO J. FORMOSINHO

---

<sup>24</sup> IPC, pág. 309.

<sup>25</sup> MOREIRA DAS NEVES, *O Cardeal Cerejeira. O Homem e a Obra*; No centenário do seu nascimento, Rei dos Livros, Lisboa, 1988, pág. 159.